



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

AVÁLIANDO O PROGRAMA DE ATIVIDADE AQUÁTICA PARA
DEFICIENTES MENTAIS: FORTALECENDO A RELAÇÃO MÃE E FILHO

Monografia apresentada à Faculdade
de Educação Física da Universidade
SANDRA MARIA MENDES PAZELLI como trabalho
de conclusão do curso de
Especialização em Atividade Motora
Adaptada, sob a orientação do Prof.
Dr. José Luiz Rodrigues.

Campinas
2003

Campinas
2003

SANDRA MARIA MENDES PAZELLI

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS	
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA	
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ATIVIDADE MOTORA ADAPTADA	
TÍTULO: _____	
AUTOR: _____	
ORIENTADOR: _____	
DATA: _____	
LUGAR: _____	
N.º DE _____	

A Deus e Deus a vida.

À meu filho Júlio, por ser realmente o "GRANDE AMOR DA MINHA VIDA".

À Adriana que sempre com muito amor, soube dividir e entender minhas necessidades e ansiedades. À você, marido e companheiro, todo o meu amor.

Às meus pais Antônio Carlos e Oçaine Maria que me deram a oportunidade de estar aqui, sempre sorrindo em mim e me ajudando por toda a vida. Minha

AVALIANDO O PROGRAMA DE ATIVIDADE AQUÁTICA PARA DEFICIENTES MENTAIS: FORTALECENDO A RELAÇÃO MÃE E FILHO

À minha mãe por todo o amor que sempre teve ao cuidar do Júlio, e à minha irmã Débora por todo o carinho que teve com seu primo auxiliando e vivô nos momentos difíceis. Amo vocês.

À professor Almir Teles da Silva pela amizade e conhecimentos, principalmente pela oportunidade de conhecer um pouco destas crianças tão especiais.

À Prof. Dr. José Luiz Rodrigues como orientador.

Às corpo docente do curso de Especialização em Atividade Motora Adaptada, sob a orientação do Prof. Dr. José Luiz Rodrigues.

À todas as pessoas que de alguma forma me ajudaram, e que não foram citadas por receio de cometer injustiças.

Muito obrigada de coração.

Campinas
2003

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus a vida.

Ao meu filho Júlio, por ser realmente o "GRANDE AMOR DA MINHA VIDA".

Ao Adriano que sempre com muito amor, soube dividir e entender minhas constantes ausências. À você, marido e companheiro, todo o meu amor.

Aos meus pais Antonio Carlos e Oçaine Maria que me deram a oportunidade de estar aqui, sempre acreditando em mim e me ajudando por toda a vida. Minha eterna gratidão.

À minha mãe por todo o amor que sempre teve ao cuidar do Júlio, e a minha sobrinha Débora por todo o carinho que teve com seu primo auxiliando a vovó nos momentos difíceis. Amo vocês.

Ao professor Almir Teles da Silva pela amizade e conhecimentos, principalmente pela oportunidade de conhecer um pouco destas crianças tão especiais.

Ao Prof. Dr. José Luiz Rodrigues pelos ensinamentos e competência como orientador.

Ao corpo docente do curso de Atividade Motora Adaptada da Universidade Estadual de Campinas.

A todas as pessoas que de alguma forma me ajudaram, e que não foram citadas pelo receio de cometer injustiças.

Muito obrigada de coração,

Sandra.

SUMÁRIO

RESUMO.....	01
INTRODUÇÃO.....	02
CAPÍTULO I – DEFICIÊNCIA MENTAL.....	03
CAPÍTULO II – ATIVIDADE FÍSICA, NATAÇÃO E DEFICIÊNCIA MENTAL.....	04
2.1 ATIVIDADE FÍSICA.....	04
2.2 TRAJETÓRIA HISTÓRICA DO ENSINO DA NATAÇÃO.....	07
2.3 NATAÇÃO.....	11
CAPÍTULO III – BUSCANDO ENTENDER: FAMÍLIA, CRIANÇA E AFETIVIDADE.....	17
METODOLOGIA.....	22
APRESENTANDO E DISCUTINDO DADOS.....	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	31
ANEXO.....	34

RESUMO

A partir da participação como monitora no Programa de Atendimento à Pessoa Portadora de Necessidades Educacionais Especiais – “Educação Física para Todos” na Faculdade de Educação Física e Técnicas Desportivas das Faculdades Integradas de *Guarulhos*, surgiu o interesse em aprofundar o envolvimento com o presente tema - Avaliando o programa de atividade aquática para deficientes mentais: fortalecendo a relação mãe e filho. Este estudo tem como objetivo, resgatar um programa cujo objetivo buscava fortalecer o vínculo afetivo mãe e filho, através da atividade aquática. Num primeiro momento, a metodologia utilizada foi baseada em pesquisa bibliográfica enfocando três áreas de pesquisa como a deficiência mental; a importância da atividade física para a pessoa com deficiência mental até chegar na natação propriamente dita; e questões relacionadas a família, criança e a afetividade. Num segundo momento foi feita uma análise documental, que apontou para dados importantes para o desenvolvimento desse estudo. Esta monografia se enquadra como pesquisa qualitativa com abordagem fenomenológico-hermenêutico. Foi constatado que o meio líquido por ser um ambiente que facilita a movimentação do corpo e envolve-o por completo, pode estimular muitas habilidades motoras para a criança deficiente mental. Pode-se concluir que a água é um ótimo agente estimulador e carrega consigo elementos lúdicos, pois permite a livre movimentação que, quando associada a um programa, brinquedos, músicas e principalmente a presença materna, proporciona estímulos muito significativos. Fica claro portanto, que devemos investir nas questões da família, mais especificamente da mãe, e nas questões da afetividade, visto que, mãe e afeto são fatores indispensáveis para o bom desenvolvimento de qualquer criança, em especial da criança deficiente mental.

CAPÍTULO 04 - DEFICIÊNCIA MENTAL

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como tema, uma avaliação do programa de atividade aquática para deficientes mentais: fortalecendo a relação mãe e filho. Este trabalho tem como objetivo, resgatar um programa cujo objetivo buscava fortalecer o vínculo afetivo mãe e filho, através da atividade aquática.

A motivação para essa pesquisa se revela porque tenho contato com crianças deficientes mentais desde 1999, no Programa de Atendimento à Pessoa Portadora de Necessidades Educacionais Especiais – “Educação Física para Todos” na Faculdade de Educação Física e Técnicas Desportivas das Faculdades Integradas de Guarulhos. Nesse programa surgiu o interesse por esse tipo de deficiência, bem como, atentou-me para as questões da afetividade. Portanto, essa experiência me despertou para o presente tema, acreditando assim, que o afeto é fator indispensável para o bom desenvolvimento de qualquer criança, em especial da criança deficiente mental, e que o papel da mãe é presença primordial nesse processo, aliado a um meio bem propício para que estas relações aconteçam, como a atividade aquática.

Portanto, o método utilizado nesta pesquisa trata-se de uma revisão bibliográfica enfocando três áreas de pesquisa como a deficiência mental; a importância da atividade física para a pessoa com deficiência mental até chegar na natação propriamente dita; e questões relacionadas a família, criança e a afetividade. Num segundo momento foi feita uma análise documental, que apontou para dados importantes para o desenvolvimento desse estudo. Em seguida trata-se das considerações finais do estudo realizado.

As seguintes áreas de aptidão adaptativas: Comunicação, cuidados pessoais, vida diária, aptidão social, uso comunitário, autonomia, saúde e segurança, conhecimentos acadêmicos, lazer e trabalho. O atraso mental inicia-se antes de 18 anos (FOLLOWAY, 1992 apud RODRIGUES)

A classificação em dois níveis: leve e grave, baseia-se exclusivamente nas alterações relacionadas às aptidões adaptativas e não mais nos escores de QI.

CAPÍTULO I – DEFICIÊNCIA MENTAL NA NATAÇÃO E DEFICIÊNCIA MENTAL

A mudança na concepção de deficiência mental (ALONSO, 1995 apud ROSADAS & PEDRINELLI) pressupõe uma visão mais otimista e positiva em relação à deficiência mental, evidenciando a busca de entendimento do ser humano inserido no contexto em que vive. Por muitos anos, e ainda presente em muitos contextos, a deficiência mental é conhecida pelos níveis de deficiência determinados por um sistema de classificação associado a escores de quociente intelectual (QI). São eles o nível leve (QI entre 55 e 70), moderado (QI entre 35 e 55), severo (QI entre 20 e 35) e profundo (QI abaixo de 20). Por suas características, os profundos apresentam dependência completa e limitações extremamente acentuadas na aprendizagem e nas relações sócio-culturais. Os severos apresentam acentuado prejuízo na comunicação, na mobilidade, alcançando resultados no trabalho condicionado e repetitivo, com supervisão e ajuda constantes. Os moderados apresentam atraso significativo na aprendizagem, distúrbios psicomotores caracterizados, com possibilidades de adaptação em programas sistematizados, de contrair hábitos higiênicos rotineiros, e de ajustar-se socialmente à família, com pessoas mais próximas, e na escola da comunidade. A capacidade de se educar é a característica mais importante no grupo dos leves, podendo dominar habilidades acadêmicas básicas, ajustar-se em escolas de ensino regular em classes especiais e em classes regulares. (PEDRINELLI & ROSADAS)

A definição mais difundida e aceita em nosso meio é a publicada pela American Association of Mental Retardation – AAMR, valoriza prioritariamente o comportamento adaptativo.

“O termo Atraso Mental (Mental Retardation) refere-se a limitações substanciais em certas capacidades pessoais. Manifesta-se como um significativo funcionamento intelectual abaixo da média, coexistindo com dificuldades relacionadas em duas ou mais das seguintes áreas de aptidões adaptativas: Comunicação, cuidados pessoais, vida doméstica, aptidões sociais, uso comunitário, autonomia, saúde e segurança, funcionalidade acadêmica, lazer e trabalho. O atraso mental inicia-se antes de 18 anos.” (POLLOWAY, 1992 apud RODRIGUES)

A classificação em dois níveis: leve e grave, baseia-se exclusivamente nas dificuldades relacionadas às aptidões adaptativas e não mais nos escores de QI.

CAPÍTULO II - ATIVIDADE FÍSICA, NATAÇÃO E DEFICIÊNCIA MENTAL

2.1 ATIVIDADE FÍSICA

O desenvolvimento de uma criança, segundo JUNCKEN (1987), está em três idades:

- . Idade cronológica - é a idade que realmente a criança tem.
- . Idade mental - é a idade de desenvolvimento mental desta criança.
- . Idade motriz - é a idade de desenvolvimento motor ou motriz da criança.

Antes de citar a importância da atividade física, gostaria de ressaltar a importância da intervenção precoce, ou seja, de estimularmos o mais cedo possível, visto que nos dois primeiros anos de vida é que ocorre o maior desenvolvimento do cérebro, sendo fundamentais as experiências pelas quais a criança passa nesse período. O termo "precoce", porém, é inadequado porque na realidade a estimulação está sendo dada no tempo certo e não antes.

Para o mesmo autor, se estimularmos, a defasagem será bem menor, e as distâncias entre as três idades serão estreitadas, às vezes atingindo quase um desenvolvimento normal. Com isso o nosso trabalho de estimuladores visa fazer essas três idades correrem mais juntas possíveis, passando etapa por etapa sem queimar nenhuma.

O desenvolvimento do portador de deficiência mental é limitado pelo fato de apresentarem um funcionamento intelectual abaixo da média, que é estabelecido através da relação entre idade cronológica e a idade mental. Muitas vezes, o portador de deficiência mental não tem capacidade de atingir determinados padrões como os motores, sociais e cognitivos da sua faixa etária, e outros padrões como independência pessoal e responsabilidade social no contexto cultural em que está inserido.

Algumas pessoas que tem o primeiro contato com o portador de deficiência mental e ainda não possui o conhecimento necessário, preocupam-se em saber se eles aprendem, se conseguem tomar suas próprias decisões, se realizam atividades motoras, se compreendem o que lhes é solicitado, etc.

Com isso é necessário estimular o portador de deficiência mental oferecendo oportunidades para o seu desenvolvimento visto que eles apresentam lentidão no desenvolvimento de padrões motores e habilidades motoras, não possuem um

funcionamento intelectual lógico, tem fraca imagem corporal e organização espacial e serem instáveis e inseguros.

Mas diante de todas essas características podemos afirmar que a aprendizagem acontece, desde que respeitemos as necessidades e características do aluno portador de deficiência mental permitindo que ele participe e dando-lhe chances de expor o seu potencial de desenvolvimento, o que melhorará, com certeza, suas condições de vida.

Conforme ROSADAS (1989), a atividade física se respeitar os critérios de individualidade que são próprios de cada um de nós, contribuirá efetivamente na reabilitação da pessoa especial. Se feita em grupo, estimula o convívio social, estimula a iniciativa mental, evita o tédio pela falta de movimento, conduz a descoberta de suas próprias possibilidades e, se motivado, leva à desinibição e conseqüentemente facilita no desenvolvimento das potencialidades individuais.

A atividade física para pessoas ditas "normais", em termos pedagógicos, não diferem muito das pessoas ditas "deficientes", o processo de aprendizagem é o mesmo, embora o professor deva dar um tempo maior para a assimilação, acompanhando os ritmos de aprendizagem impostos pela deficiência sem limitar os alunos no seu progresso. O portador de deficiência mental leve, por exemplo, executa o movimento de uma forma mais lenta, já o portador de deficiência mental moderada necessita de um tempo maior e, muitas vezes, utiliza a imitação para execução dos movimentos. Com isso vimos que quanto menos fizermos adaptações nas nossas aulas, mais nossos alunos se sentirão capazes. Quanto mais adaptada se tornar a atividade física para as pessoas consideradas "deficientes", mais iremos promover e, valorizar a deficiência, porém não estamos querendo com isso desvalorizar as adaptações, elas são necessárias, pois ajudam a frustrar menos nossos alunos.

Segundo JUNCKEN (1987), a finalidade primordial da educação é auxiliar na formação integral do indivíduo. Deve iniciar no nascimento e continuar por toda a sua vida, proporcionando o desenvolvimento físico e mental de acordo com sua idade mental, cronológica e motriz.

A importância da atividade física para o deficiente mental é inquestionável, com resultados benéficos em termos físicos, mentais e sociais, proporcionando ao deficiente mental uma melhor participação social pois o levará a uma condição física mais satisfatória, um comportamento mais socializado, seguro e motivado. Substituindo o ócio e a vida sedentária por uma vida mais saudável.

Um programa quando feito adequadamente, baseado sempre na etapa mental, cronológica e motora da criança, propicia um desenvolvimento orgânico mais satisfatório pela melhoria cardio-vascular, maior oxigenação devido a uma respiração mais correta, inspirando e expirando volume de ar suficiente, tônus muscular propiciando um ajuste postural, maior agilidade, flexibilidade e ampliação dos movimentos bem como proteção dos órgãos. Auxilia no esquema corporal (conhecimento das partes do corpo), coordenação dinâmica geral (motora grossa e fina) equilíbrio estático e dinâmico, dominância lateral, orientação e estruturação espaço temporal.

Segundo o mesmo autor, na maioria das vezes o deficiente mental apresenta um desenvolvimento motor atrasado em relação à criança normal, uma capacidade respiratória diminuída, problemas cardíacos (diversos tipos de cardiopatias congênitas), a musculatura apresenta alterações no tônus (flacidez ou rigidez), uma formação corporal deficitária, crises convulsivas e muitos outros problemas. O desconhecimento das possibilidades e limites do deficiente pelo educador que esteja ministrando uma atividade poderá acentuar esses problemas ou ainda criar outros.

Finalizando, a prática da atividade física, segundo GORLA (1997), contribui para a auto-suficiência levando os praticantes a uma maior independência e participação na comunidade. Ao praticarem estas atividades desenvolvem não só sua capacidade motora, bem como a intelectual, conseqüentemente estabelecem através do movimento relações com o meio, aumentam suas possibilidades de exploração, de conhecimento do mundo exterior e aprimoram seu relacionamento social. Experimentam nas atividades os movimentos do corpo, posições no espaço, noções de direção, distância, tempo e força que contribuem enormemente para o desenvolvimento global do Deficiente Mental que, devido a sua deficiência, possuem muitas funções prejudicadas.

2.2 TRAJETÓRIA HISTÓRICA DO ENSINO DA NATAÇÃO

Ao mergulharmos na história a fim de verificar a origem da natação, perceberemos que é difícil precisar seu início, pois sua origem se confunde com a própria origem da humanidade.

Para apropriar-se do mundo, o homem relaciona-se com a natureza de diversas formas. E, nesta relação, ele se transforma, modificando a natureza, dentro das suas possibilidades e das condições oferecidas pelo seu meio ambiente. O planeta terra, geograficamente, é cercado de água por todos os lados. Várias circunstâncias levam o homem a relacionar-se com o meio aquático. Seja através de atividades para nossa subsistência, como a pesca ou utilização de embarcações e nas atividades terapêuticas, ou de lazer, como os banhos nas piscinas da Roma Antiga. Isto nos demonstra que sempre estivemos de alguma forma em contato com a água, conforme SANTOS (1996).

Nessa relação do homem com a água surgiu o ato de nadar em várias culturas, como nos mostra NAVARRO apud PENAFORT (2001), dando o exemplo dos egípcios (3000 a.C.), dos gregos, dos fenícios, dos japoneses (38 a. C.), entre outros.

Com essa nossa convivência no meio aquático, surgiu a necessidade de criarmos condições que garantissem, não só uma maior permanência no meio, como também um melhor e mais adequado deslocamento. Com isso surge o ensino sistemático da atividade denominado por nós de "natação", cujos precursores eram os militares.

Quanto a origem pedagógica da natação, podemos perceber que o homem utilizou inicialmente diversos acessórios para aprender nadar. Eram utilizados: cintos de junco, tubos cheios de ar, cintos de cortiça para auxiliar os não nadadores.

Aparece por volta de 310 a. C., uma escola militar de natação entre os romanos, nesta época eles já nadavam em lagos, rios, piscinas. Mas, foi durante o período do Império Romano, aproximadamente 27 a. C. até 476 d.C., que surgiram as grandes piscinas dentro das termas. Nesta mesma época, os gregos também utilizavam pequenas piscinas, localizadas dentro de alguns ginásios. E os germanos nadavam em rios e lagos, pois não conheciam os locais criados para banhos.

WILKE (1982), relata que os escritores romanos contavam, cheios de admiração, o fato dos povos germanos mergulharem seus filhos em águas geladas, para que ganhassem resistência. Eles nadavam com toda família, para que as mulheres e crianças aprendessem a nadar por imitação.

Assim, o homem de acordo com sua necessidade e criatividade, construía um ensino cada vez mais sistematizado da natação.

Na Idade Média não teve grandes avanços em relação à aprendizagem aquática, pois era uma época onde às concepções morais e religiosas vigentes eram muito forte. Portanto, a prática da atividade ficou restrita quase, que exclusivamente, aos nobres, se tornando atividade obrigatória para eles. Durante as Cruzadas, esta arte de nadar já não era mais praticada.

No final da Idade Média, os Halloren começaram a ensinar as pessoas a nadarem, ou seja o ensino da natação. No início essas aulas eram desenvolvidas em centros de Natação, depois, em Colégios Internos frequentados pela população de melhor situação econômica da época. Os Halloren trabalhavam nas salinas de Halle junto ao Rio Saale, desenvolvendo atividades relacionadas diretamente com a água. Ao terminarem suas tarefas nas salinas, a higiene corporal era feita através de banhos no Rio Saale. Devido a estas circunstâncias cotidianas e, por medida de segurança, eles eram obrigados a aprender a nadar. Seus professores eram escolhidos, entre aqueles que se destacavam, ou seja, aqueles que apresentavam um melhor performance, desenvolvimento na água, tornavam-se professores de natação.

Para os Halloren, o homem não aprendia por si só, eles defendiam a necessidade de um professor durante as aulas. A metodologia aplicadas por eles, era primeiro ensinar os movimentos fora da água, e em seguida os movimentos eram transferidos para o meio aquático com auxílio de cinturões e cordas.

Guts Muths foi um dos alunos dos Halloren que conseguiu obter sucesso a partir dessa aprendizagem. Ele foi a primeira pessoa a ministrar aulas de natação sistematicamente num Colégio Interno, tendo como base para suas aulas "o pequeno manual da arte de nadar para o auto-ensino", datado de 1798. Esse manual consistia em: ambientação gradual à água, exercícios prévios sobre cavalete em terra e exercícios com cinto na água.

Pode-se verificar, a partir desta metodologia descrita, o início da pedagogia mecanicista da natação. A falta de conhecimento a respeito das leis e princípios da física levam aos intrutores desta época acreditarem que o homem não era capaz de flutuar naturalmente, pois a maioria dos objetos utilizados em seus métodos de ensino tinha finalidade principal de facilitar a flutuação do corpo na água.

Acredita-se que a falta de conhecimento científico era a causa principal do trabalho mecanicista realizado fora da água, por isto, eram utilizados cordas, cavaletes e vários

aparelhos que simulassem a mecânica dos movimentos dos nados a seco. Os exercícios preparatórios eram realizados exaustivamente pelos alunos, com a finalidade de automatizar os gestos, sem que o aluno tomasse consciência de suas ações corporais na realização dos movimentos do nado. Não havia em relação ao material utilizado, uma preocupação de levar o aluno a perceber que o corpo flutua na água, devido à impulsão vertical recebida de baixo para cima correspondente à densidade de seu corpo ao mergulhar-se na água. E, os movimentos de braços e pernas, têm a finalidade de propulsionar o corpo nos deslizamentos na água e que, associados à flutuação garantem ao nadador sua sustentação e seu deslocamento no espaço aquático em que seu corpo estiver mergulhado. *afirma que somarje o professor de natação Kurt Wiessner (1925).*

Nesta perspectiva mecanicista de aprendizagem, o ato de nadar consiste em realizar movimentos de uma forma progressiva e fragmentada em relação ao gesto esportivo do nadador. Existe uma preocupação excessiva com o movimento em si (gesto esportivo culturalmente desenvolvido), ou melhor, o produto (resultado do gesto) é mais importante que o processo. Não é levado em conta, na maioria das vezes, o meio e o indivíduo que define sua natureza e suas características. *antes de iniciar a aprendizagem*

Com a 1ª Guerra Mundial, aconteceram várias batalhas travadas em alto mar, com isso vários navios naufragaram e muitos marinheiros e militares morreram afogados por não saber nadar. Surgiu a necessidade de se intensificar ainda mais o ensino sistemático da natação em todo o mundo. Com a intensificação do ensino da natação entre os militares, seus métodos passam a ser utilizados também por escolas e clubes. Foram os militares que transformaram o ensino da natação em um exercício coletivo, surgindo, através dessa iniciativa, o ensino em grupos nas escolas e clubes recreativos e sociais. Em muitas destas entidades, os soldados ou instrutores passam a ser contratados como professores de natação. *isso deve claro que a pedagogia da natação está associada à*

Em alguns países como a Alemanha, o ensino regular da natação surgiu no início do século XX, tendo como base os métodos de ensino das escolas militares. Mesmo com o suporte metodológico dos instrutores, não se abandonava o pensamento inicial sobre a importância dos movimentos necessários apenas para a impulsão, criando assim outros aparelhos.

Mesmo sendo utilizados minuciosos preparativos, alguns alunos esqueciam muito rápido os movimentos aprendidos, quando percebiam que não estavam seguros por algum aparelho auxiliar de flutuação.

aparelhos que simulassem a mecânica dos movimentos dos nados a seco. Os exercícios preparatórios eram realizados exaustivamente pelos alunos, com a finalidade de automatizar os gestos, sem que o aluno tomasse consciência de suas ações corporais na realização dos movimentos do nado. Não havia em relação ao material utilizado, uma preocupação de levar o aluno a perceber que o corpo flutua na água, devido à impulsão vertical recebida de baixo para cima correspondente à densidade de seu corpo ao mergulhar-se na água. E, os movimentos de braços e pernas, têm a finalidade de propulsionar o corpo nos deslizamentos na água e que, associados à flutuação garantem ao nadador sua sustentação e seu deslocamento no espaço aquático em que seu corpo estiver mergulhado.

Nesta perspectiva mecanicista de aprendizagem, o ato de nadar consiste em realizar movimentos de uma forma progressiva e fragmentada em relação ao gesto desportivo do nadador. Existe uma preocupação excessiva com o movimento em si (gesto desportivo culturalmente desenvolvido), ou melhor, o produto (resultado do gesto) é mais importante que o processo. Não é levado em conta, na maioria das vezes, o meio e o indivíduo que define sua natureza e suas características.

Com a 1ª Guerra Mundial, aconteceram várias batalhas travadas em alto mar, com isso vários navios naufragaram e muitos marinheiros e militares morreram afogados por não saber nadar. Surgiu a necessidade de se intensificar ainda mais o ensino sistemático da natação em todo o mundo. Com a intensificação do ensino da natação entre os militares, seus métodos passam a ser utilizados também por escolas e clubes. Foram os militares que transformaram o ensino da natação em um exercício coletivo, surgindo, através dessa iniciativa, o ensino em grupos nas escolas e clubes recreativos e sociais. Em muitas destas entidades, os soldados ou instrutores passam a ser contratados como professores de natação.

Em alguns países como a Alemanha, o ensino regular da natação surgiu no início do século XX, tendo como base os métodos de ensino das escolas militares. Mesmo com o suporte metodológico dos instrutores, não se abandonava o pensamento inicial sobre a importância dos movimentos necessários apenas para a impulsão, criando assim outros aparelhos.

Mesmo sendo utilizados minuciosos preparativos, alguns alunos esqueciam muito rápido os movimentos aprendidos, quando percebiam que não estavam seguros por algum aparelho auxiliar de flutuação.

Segundo SANTOS (1996), o fato dos alunos não interiorizarem os movimentos, vem nos alertar que a repetição mecânica dos exercícios em seco não garante, por si só, a aprendizagem motora do gesto do nado. Sendo a água um elemento novo para o aprendiz, é necessário que seu organismo se adapte gradativamente ao meio líquido, a partir de uma tomada de consciência de seu próprio corpo na água. Sendo assim, ele verá que seu corpo flutua naturalmente. A repetição exaustiva dos "exercícios", sem a devida tomada de consciência dos movimentos necessários à realização do ato locomotor, levará, com certeza, aos aprendizes a dependência de instrumentos que lhes garantam sua flutuação, todas as vezes que entrarem em contato com a água.

WILKE (1982), afirma que somente o professor de natação Kurt Wiessner (1925), natural de Leipzig, conseguiu se libertar desta concepção mecanicista da pedagogia da natação. Tomando como base pressupostos psicológicos, ele foi o primeiro estudioso da área a colocar a questão do porquê o homem não sabia nadar por natureza, chegando à conclusão que este não estava simplesmente acostumado, ou melhor, em contato direto com a água. Portanto, ele defendia que é necessário, em primeiro lugar, adaptar o homem ao meio líquido, deixando-o seguro, sem medo, antes de iniciar a aprendizagem dos movimentos do nado propriamente dito.

Começa assim uma nova visão do ensino da natação, que parte do pressuposto que aluno adaptado gradualmente ao meio líquido, flutua na superfície da água através da impulsão recebida naturalmente. Sua metodologia é considerada pioneira do ensino moderno da natação. Wiessner tornou-se defensor de um ensino da natação sem aparelhos. Em síntese, nas aulas, ele ensinava movimentos de pernas e braços sem interrupção com impulso e, na medida do possível, desde o início da aprendizagem os exercícios eram realizados dentro da água.

Este trajeto histórico deixa claro que a pedagogia da natação está associada à história mecânica do aprendizado, utilizando-se de atividades ou objetos do meio para ensino das técnicas do nado. Por outro lado, esta evolução pedagógica da natação vem contribuir para o surgimento da pedagogia do movimento no processo de aprendizagem da natação.

"Geralmente as atividades psicomotoras do bebê não são bastante conhecidas, nem exploradas ao máximo, no meio terrestre-aéreo. Sabendo que um desenvolvimento harmonioso da criança pequena depende da quantidade e qualidade de estímulos proporcionados pelo seu meio ambiente, acreditamos que a experiência aquática é uma

2.3 NATAÇÃO

O tema natação, aqui abordado, deve estar sempre entre aspas, pois o nosso trabalho pouco tem a ver com a natação propriamente dita, e sim estaremos utilizando a natação enquanto atividade aquática.

“A natação é a atividade física mais completa que existe; é a harmonia, a flexibilidade, a potência, o ritmo, a coordenação, em resumo, o grupo de movimentos em série mais complexo. Praticando regularmente, permite desenvolver todos os mecanismos fisiológicos: a capacidade pulmonar e o sistema cardiovascular. Além dessas vantagens importantes, o meio aquático permite novas possibilidades de coordenação. A natação possibilita também um excelente método pedagógico, que permite conhecer a criança muito cedo, e ajudá-la, se necessário, a resolver problemas particulares em seu meio familiar e social.” (RAMALDES, 1997, p.17)

Aprender a nadar deve ser uma atividade agradável para qualquer idade. O progresso deve ser gradativo, do mais fácil para o mais complexo e do conhecido para o desconhecido; os exercícios deverão ser apresentados de maneira que desperte o interesse e atenção do aluno.

Segundo SILVEIRA (1998), o ambiente líquido atrai tanto a criança quanto o adulto, divertindo-os durante muito tempo, por meio da recreação, quando se pratica como atividade alegre e descontraída, sem ter a responsabilidade e obrigatoriedade de aprender a nadar.

“Geralmente as atividades psicomotoras do bebê não são bastante conhecidas, nem exploradas ao máximo, no meio terrestre-aéreo. Sabendo que um desenvolvimento harmonioso da criança pequenina depende da quantidade e qualidade de estímulos proporcionadas pelo seu meio ambiente, acreditamos que a experiência aquática é uma

das atividades mais valiosas e um progresso inegável no plano psicomotor.” (VELASCO, 1994, p.60)

Para que possamos promover uma boa adequação da criança, em determinado nível, não devemos nos fixar em faixas etárias, pois cada criança tem o seu ritmo próprio e obedece um desenvolvimento global, diferenciado de outra. Ou seja, para o nosso trabalho, a faixa etária enquanto elemento único, não é fator determinante.

“Respeitar o tempo e a individualidade é necessário, pois exigir além do que se é capaz, forçar algo que a criança ainda não consegue entender, são fatores que podem criar bloqueios, gerar dependência até a regressão.” (QUEIROZ, 2000, p. 21)

QUEIROZ (2000), destaca a importância da natação, dentro de uma visão lúdica, de ser um espaço de experimentação, para que a criança vivencie situações de qualidades variadas, sensações de alternância de tensão e distensão, prazer e desprazer, acompanhados da necessidade de expressividade motora. Tudo isso vai fazer com que a criança perceba o seu próprio corpo, a nível motor e cognitivo. E principalmente afetivo, pois a criança está envolvida corporalmente.

O envolvimento lúdico se utiliza de vários argumentos criativos como: conversas bem-humoradas, interpretações de personagens conhecidos dos alunos, histórias, brincadeiras infantis, brinquedo cantado e o próprio trato pessoal (tom de voz, olhar, abraço), despertando primeiramente o motivo para que a criança goste de ficar na água e goste também da companhia. No mais, toda esta estimulação tem o objetivo de motivar a criança a fazer uma determinada atividade motora com alegria e atenção.

Para o mesmo autor, no envolvimento lúdico, o maior brinquedo é a água, portanto o espaço aquático. E o mais importante é o corpo. Saber relacionar-se bem com o espaço é tirar proveito e dominar situações do seu corpo na água.

A natação tem sido indicada com a finalidade de desenvolver a motricidade e o sistema cárdio-respiratório, promover segurança física e emocional, ampliando a quantidade de experiências motoras. Esse desenvolvimento contribui para a melhoria da qualidade de vida, favorecendo também a integração social.

A natação para portadores de deficiência para alguns autores é taxada muitas vezes como muito especializada, porém outros autores a consideram muito simples. Na fase de adaptação ao meio líquido e mesmo durante a iniciação, o método, os processos de aprendizagem e de ensino são semelhantes aos das pessoas não portadoras de deficiência, isso faz com que as aulas possam ser integradas, onde os portadores de deficiência participam de programas regulares, favorecendo a integração social.

Segundo PEDRINELLI (1994), as etapas em relação ao ensino regular da natação são semelhantes, porém podem ocorrer modificações na escolha dos exercícios, ou até mesmo modificando os caminhos dando mais tempo para que o portador de deficiência possa realizar suas tarefas. Com isso os conteúdos programáticos são modificados, mas os objetivos continuam sendo semelhantes nos diversos níveis:

- Orgânico

- . aumentar a força muscular
- . melhorar a resistência muscular
- . aumentar a resistência cárdio vascular
- . melhorar a flexibilidade

- Neuromuscular

- . promover um funcionamento harmonioso deste sistema
- . facilitar o desenvolvimento das habilidades locomotoras e não locomotoras
- . desenvolver as habilidades básicas no meio líquido
- . desenvolver as capacidades motoras

- Cognitivo

- . explorar, descobrir, entender, adquirir conhecimentos, fazer julgamentos, resolver problemas através de movimentos
- . esquema corporal
- . organização espaço/temporal

- Social

- . ajustamento individual
- . ajustamento grupal
- . comunicação
- . aceitação

A natação, de acordo com DAMASCENO (1992), por ser uma das atividades que oferece benefícios propiciam ao desenvolvimento corporal e, também pela possibilidade de vivenciar sucesso e fracasso, desde o nascimento, parece ser mais indicada para a obtenção do prazer e divertimento do ser humano. Segundo DAMASCENO (1992) não só conhecida, mas também caracteriza a natação sendo um desporto que constitui uma fonte de recreação, de alegria de vida e de auto-estima para as pessoas de todas as idades.

Pelo fato da água apresentar uma redução dos efeitos da força da gravidade sobre o corpo, o portador de deficiência mental pode mover-se com maior liberdade e facilidade, pode graduar, controlar e adaptar seus movimentos, compreendendo as potencialidades do seu corpo e satisfazendo suas necessidades de movimento.

Através dessa exploração de novas possibilidades de movimento no meio líquido, estará estimulando e desenvolvendo a conquista da sua autonomia.

Muitas vezes, a água oferece ao portador de deficiência mental, a execução de movimentos que em terra nunca havia vivenciado.

De acordo com A.S.T. - ASSOCIATION OF SWIMMING THERAPY (1986) crianças severamente anormais podem beneficiar-se do movimento na água. Como a água circunda o nadador e está em constante movimento, serve como um grande estímulo e pode resultar na realização de movimentos pelo nadador. A água tende a encorajar essas crianças a "despertarem".

Esses alunos gostam de ser incentivados a todo momento e deve ser estimulado seu potencial criador e explorador dos movimentos.

Conforme DAMASCENO (1992) o aluno deve desde a primeira aula, experimentar exercícios variados, que após desenvolvidos pelos alunos, se adaptarão também em suas sensações visuais, táteis, auditivas, musculares, de equilíbrio da respiração. Estas experiências os encaminharão para a aquisição dos principais fundamentos da natação.

A criança precisa experimentar todos os tipos de movimentação para que se desenvolva. A falta dessas experiências acarreta danos muitas vezes irreversíveis na estruturação da personalidade.

Segundo BURKHARDT & ESCOBAR (1985) a natação tem efeitos positivos no que diz respeito quanto a estruturação do esquema corporal, coordenação, orientação espacial, equilíbrio estático e dinâmico, além de desenvolver a resistência cardiovascular e propiciar o fortalecimento muscular necessário a uma postura eficiente.

A natação, de acordo com DAMASCENO (1992), por ser uma das atividades que maiores benefícios propiciam ao desenvolvimento corporal e, também pela possibilidade de ser praticada sem restrições, desde o nascimento, parece a mais indicada para a dinamização do potencial do ser humano.

LEWIN apud DAMASCENO (1992) não só conceitua, mas também caracteriza a natação como sendo um desporto que constitui uma fonte de recreação, de alegria de viver e de saúde, para as pessoas de todas as idades.

Para que todos os aspectos acima citados possam ser alcançados com sucesso, devemos atentar para a fase de adaptação à água, que compreende a fase onde a criança estará conhecendo, tendo o seu primeiro contato com a água da piscina, o espaço, o professor(a), as outras crianças com suas mães, os brinquedos e as músicas.

Para essa fase de adaptação, conforme VELASCO (1994), citaremos as etapas que o nosso aluno deva passar, respeitando sempre a fase de desenvolvimento que ele se encontra:

Iniciamos esse processo pela ambientação, onde ele irá conhecer o espaço, fazer amizade com a água, procurar a intimidade com um ambiente, que é totalmente diferente daquele que vive.

Antes de mais nada o contato físico e social que a criança terá com a mãe e o professor, será fator essencial.

Depois desse contato, processaremos a diferentes formas e maneiras de ambientação aquática, promovendo a exploração corporal e espacial.

Na medida em que ele sentir-se seguro, dominar a água corporalmente, entraremos num processo de adaptação polissensorial. Aqui a vivência ocorrerá através do rosto, iniciando-se pela boca, nariz, olhos e ouvidos.

A próxima etapa será o processo respiratório, onde a nossa preocupação maior será a de conscientizá-lo do movimento ativo e passivo de entrada e saída de ar no nosso organismo; que na água se processa através da inspiração fora dela (pela boca) e expiração dentro dela (que poderá ser pela boca/nariz e ou nariz/boca).

A seguir, após todas essas experiências provavelmente o aluno estará preparado a realizar, até voluntariamente, a imersão, sem nenhuma dificuldade.

Nossa próxima proposta seria a flutuação, pois ele já se encontra adaptado, podendo mudar a posição de seu corpo, da vertical para a horizontal, sem intimidações. Esse trabalho de flutuação vai proporcionar ao aluno a oportunidade de sentir a densidade da água e perceber que seu corpo torna-se mais leve quando dentro dela.

Experimentará a posição ventral e dorsal e o auxílio vai acontecer na medida que o aluno necessitar.

Por fim a sustentação tornar-se-a um processo natural de domínio em relação aos movimentos e equilíbrio do corpo na água. Ela ocorrerá na posição ventral e diagonal do corpo em relação a água, com movimentos de membros superiores e inferiores, concomitantemente ou não. (VELASCO,1994, p.139)

Portanto, são muitas coisas novas que podem criar uma certa insegurança, ansiedade e medo na criança deficiente mental, por isso essa fase de adaptação é muito importante para que a criança se sinta bem neste ambiente e comece a descobri-lo e explorá-lo, e nada melhor para isso que a presença materna.

Diante do exposto, os professores devem olhar seus alunos de forma individual em relação as suas limitações, pois cada um é diferente do outro, lembrando sempre de evidenciar suas potencialidades, elogiando sempre suas tentativas e reforçando o seu bom desempenho. O professor deve com isso conquistar a confiança de seus alunos, mantendo um relacionamento agradável, oferecendo atividades que permitam a participação de todos, sempre cuidando em não causar frustrações, ou pelo menos minimizando situações que possam causar embaraços. A aula, portanto, deve ser um momento prazeroso podendo ser desfrutado por todos.

CAPÍTULO III – BUSCANDO ENTENDER: FAMÍLIA, CRIANÇA E AFETIVIDADE

Conforme apontam os vários autores que citaremos a seguir, o nascimento de uma criança deficiente, seja qual for o tipo de deficiência, traz à tona uma série de complicações advindas de sentimentos de culpa, rejeição, negação ou desespero, modificando as relações sociais da família e sua própria estrutura. Isto faz com que os seus membros venham a procurar ajuda profissional no sentido de buscar informações, desabafar, propiciar um melhor desenvolvimento da criança e recuperar a organização interna.

TELFORD & SAWREY (1974), destaca alguns dos mais correntes padrões de reação à chegada de uma criança defeituosa a uma família, que são: encarar o problema de um modo realista; negação da realidade da deficiência; lamentações e comiseração dos pais com a sua própria sorte; ambivalência em relação à criança ou sua rejeição; projeção da dificuldade como causa da deficiência; sentimentos de culpa, vergonha e depressão; e padrões de mútua dependência.

“Exatamente porque nenhuma família espera uma criança deficiente é que se tem de formular um apoio psicoterapêutico. O choque e a surpresa humilhante e culpabilizadora podem implicar um conjunto de atitudes afetivas que em nada favorecem o desenvolvimento da criança. A revolta pessoal, as lamentações prolongadas, as autopunições divinas e os prantos frustracionais podem ser reduzidos e transformados em atitudes positivas e abertas, proporcionando à criança um envolvimento afetivo e emocional ajustado.” (FONSECA, 1995, p.212)

Segundo FONSECA (1995), destaca que a ação dos pais é muito importante e significativa desde os primeiros momentos da vida. A depressão, o isolamento, a culpabilização e a autocrítica desesperada inibem as atitudes de abertura e aceitação de que a criança deficiente precisa para o seu desenvolvimento. O protecionismo deve dar

lugar às funções de independência. A desorganização da rotina familiar tem de dar lugar a um sentido de vida mais significativo e realizador.

Uma das principais dificuldades iniciais está relacionada ao isolamento social que acontece desde o nascimento da criança. Conforme CUNNINGHAM apud BLASCOVI-ASSIS (1997), esse isolamento pode começar a diminuir quando os pais entram em contato com outros pais que passam pela mesma problemática, isto é, têm um filho deficiente. A solidão e o isolamento social que atingem os pais por ocasião do nascimento acabam por atingir posteriormente a própria criança e o adolescente ou adulto deficiente, na medida em que ele depende da família ou da escola para alimentar seu relacionamento social.

O problema básico com que as famílias dessas crianças se defronta é, essencialmente, o de todas as famílias, como enfrentar os problemas da vida de uma forma que estimule, em vez de dificultar, o crescimento e desenvolvimento dos membros da família. O comportamento dessa criança é talhado pelas ações e atitudes de outros e os ajustamentos da família tanto podem limitar e distorcer como encorajar e facilitar a potencialidade de desenvolvimento da criança.

Visto que a família exerce papel fundamental no desenvolvimento desta criança, FONSECA (1995) destaca que, nos primeiros anos, os pais devem ser envolvidos na intervenção com os filhos deficientes, e não só os educadores.

O apoio à essas crianças deve iniciar-se o mais precocemente possível. A estimulação e a intervenção precoces devem iniciar-se a partir dos primeiros momentos de vida.

Vários termos são utilizados como, estimulação precoce, intervenção precoce e estimulação essencial, não importa a terminologia e sim a sua essência, que é estimular na hora certa.

BAGATINI (1992) define estimulação essencial, como o ato de acionar todos os estímulos no tempo ideal para o desenvolvimento de uma criança. E coloca a mãe como agente da estimulação, para ele nada adianta o professor ou estimulador mandar a criança fazer o movimento, pois isso será muito fácil, o difícil será imitar os gestos carinhosos da mãe.

O trabalho de estimulação com o deficiente mental é de significativa importância, pois evita um atraso psicomotor mais acentuado, estimulando os desempenhos da criança, para que etapas não vencidas, não provoquem novos problemas, segundo BAGATINI (1992).

Segundo ROSADAS (1986), a criança deficiente mental precisa de estímulo, e estes, se bem dirigidos, tomando a forma de uma ação psicomotora, informativa e disciplinadora, certamente acelerarão o desenvolvimento, e diminuirão os déficits existentes. Para tanto a família desta criança deve representar o primeiro e principal veículo condutor desses estímulos e deve estar preparada para dar esses passos de forma segura.

Conforme BEE (1984), a criança não pode ser "curada", mas muitos dos problemas emocionais e intelectuais em potencial podem ser suavizados se houver uma intervenção precoce.

Segundo ROSADAS (1986), as primeiras experiências da criança, o meio-ambiente adequado, e a educação a ela imposta, são fatores influenciadores de sua conduta final.

Segundo FONSECA (1995), raramente os deficientes mentais recebem o que necessitam. Para ele, até surgir o "milagre da cura", a educação continua e continuará a ser a primeira terapia. Por aqui podemos reconhecer a relevância da intervenção dos pais, o que por si só justificaria a criação de uma escola de pais de crianças deficientes.

A família deve ter como meta a vitória, e buscá-la de todas as formas, pelos caminhos que a levarem mais rápido ao objetivo, não se abalando quando encontrar barreiras que normalmente existirão neste caminho, como existem em todos os caminhos da vida.

Conforme ROSADAS (1986), a persistência, a resistência e a confiança no resultado final são características que devem existir nesta família, pois os resultados positivos muitas vezes não vêm de imediato, e isto, se acontecer, pode desanimá-la, se esta não estiver imbuída de um bom grau de perseverança. O autor diz também que os pais são os melhores auxiliares de reabilitação que conhecemos, principalmente por conviverem a maior parte das horas do dia com a criança. O mesmo afirma com convicção, que qualquer ação reabilitadora pouco produzirá na criança, se não contar com a assistência direta da família. Esta conhece, se responsável e convicta de seus atos, mais que qualquer profissional, os valores e necessidades deste paciente: o seu filho.

Para RAMALDES (1998) *"Há que envolver os pais no processo de integração, visto que são os primeiros agentes da intervenção educacional. É recomendável que os pais sejam vistos como co-*

terapeutas, como primeiros educadores por excelência. A sua ação, obviamente coadjuvada por educadores e por especialistas, em equipes multidisciplinares, deve constituir um dos primeiros objetivos de um programa de integração." (FONSECA, 1995, p.56)

De acordo com TELFORD & SAWREY (1974) as famílias, como a maioria dos grupos sociais, desenvolvem padrões internos de alinhamento e de relações. Porque a mãe tem sido, historicamente, a figura central na família, ela é tipicamente considerada o foco dos mais significativos alinhamentos familiares. Quando se torna necessário ampliar as investigações de uma criança problemática além da própria criança, o foco de atenção desloca-se para a relação mãe-filho.

SPITZ apud GIORGI (1980), provou o papel determinante materno no desenvolvimento da emotividade, dos aspectos psicomotores e da linguagem da criança, e chama organizador psíquico da criança à intervenção da mãe durante o primeiro desenvolvimento psíquico infantil. A mãe representa todo o ambiente da criança. Afirma Spitz que se a relação mãe-criança é normal, isto é, satisfatória tanto para a mãe quer para a criança, não existem perturbações no desenvolvimento psíquico da criança, Enquanto que os impulsos psíquicos nocivos surgem na sequência de relações insatisfatórias mãe-criança.

Podemos constatar que a mãe é o primeiro agente deste trabalho, e o principal objetivo da mãe deve ser conseguir um relacionamento afetivo com o seu filho. Através deste relacionamento, a mãe deve procurar obter a confiança do seu filho pois esta confiança depositada na mãe vai ser o caminho para os desempenhos positivos desejados.

Segundo NEVES (1994), não é necessária muita reflexão para perceber que, de todas as responsabilidades dos pais e de toda a constelação familiar, a mais premente e urgente é a de proporcionar aos membros menores, ainda em formação, um ambiente e uma atmosfera de verdadeiro afeto.

BEE (1984) define ligação afetiva como, o vínculo afetivo positivo entre uma pessoa e outra, como o da criança com os pais ou dos pais com a criança.

Para RAMALDES (1997), o domínio afetivo envolve o sentir da criança, seus medos, suas ansiedades, suas alegrias, suas tristezas, suas pulsões. Em sua

estruturação afetiva, a criança está incorporando sensações agradáveis e desagradáveis em seu modo de sentir o mundo, as pessoas, os objetos e sentir a si mesmo.

O fator indispensável ao bom desenvolvimento da criança é o afeto. Para VELASCO (1994), crianças que recebem pouca ou nenhuma estimulação tátil e afetiva apresentam grande defasagem em seu desenvolvimento físico, afetivo, social e intelectual.

Segundo alguns pesquisadores como Piaget, Freinet e Wallon apud CARMO & CHAVES (2000), a afetividade é um dos fatores que podem influenciar positivamente a aprendizagem, principalmente em se tratando de crianças que já possuem algumas dificuldades de aprendizagem e muitas carências.

A pesquisa bibliográfica foi importante para fazer um levantamento da literatura e reunir dados teóricos das áreas "A afetividade é o território dos sentimentos, das paixões, das emoções, por onde transitam medo, sofrimento,

Segundo TAVARES interesse, alegria." (FREIRE, 1994, p.170)

De acordo com NEVES (1994), de todas as necessidades psicológicas, a primordial, a mais enraizada no homem é a de ordem afetiva. Qualquer pessoa humana precisa, sobretudo na sua fase formativa, experimentar e exercer a afetividade: amar, irradiar esse amor aos outros, ver acolhido tal amor, sentir-se amada, receber provas de amor. Tudo isso constitui um delicado terreno da personalidade. Tão delicado que, se for desatendido ou mal-atendido, as marcas das imperfeições ou desvios ficam para a vida."

Portanto, afetividade, apoio e cuidados dos pais são antecedentes decisivos para a maturidade, a independência, a competência, a auto-confiança e a responsabilidade das crianças.

Estas podem ser feitas no momento em que o fato ou sentimento ocorre, ou depois." (LAKATOS & MARCONI, 1991, p.174)

O documento a que nos referimos, consta de um questionário aberto, no ano de 2001, com a aplicação feita num grupo de vinte mães que participaram das aulas juntamente com seus filhos portadores de deficiência mental, ou seja todas as mães do programa, das quais obtivemos o parecer sobre as questões abordadas. Questionário em anexo.

O universo da pesquisa investigou apenas uma entidade que atende pessoas portadoras de necessidades especiais pertencente as Faculdades Integradas de

METODOLOGIA

O presente trabalho apresenta como revisão da literatura três diferentes temas. A primeira se refere a deficiência mental. A segunda trata-se da importância da atividade física para a pessoa com deficiência mental até chegar na natação propriamente dita. A terceira abrange um estudo referente as questões da família, da criança e da afetividade.

Esta monografia se enquadra como pesquisa qualitativa com abordagem fenomenológico-hermenêutico e tem como estratégias a revisão da literatura e a análise documental.

A pesquisa bibliográfica foi importante para fazer um levantamento da literatura e reunir dados teóricos das áreas estudadas, bem como para revisar a evolução histórica dessas áreas.

Segundo TAVARES (2000) a pesquisa bibliográfica busca conhecer as contribuições culturais ou científicas do passado. É a atividade de localização e consulta de fontes diversas de informação escrita, para coletar dados gerais e específicos a respeito de determinado tema.

Como técnica de pesquisa foi utilizado a análise documental, esta apontou para dados importantes para o desenvolvimento desse estudo.

"A característica da pesquisa documental é que a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias. Estas podem ser feitas no momento em que o fato ou fenômeno ocorre, ou depois." (LAKATOS & MARCONI, 1991, p.174)

O documento a que nos referimos, consta de um questionário aberto, no ano de 2001, com a aplicação feita num grupo de vinte mães que participaram das aulas juntamente com seus filhos portadores de deficiência mental, ou seja todas as mães do programa, das quais obtivemos o parecer sobre as questões abordadas. Questionário em anexo.

O universo da pesquisa investigou apenas uma entidade que atende pessoas portadoras de necessidades especiais pertencente as Faculdades Integradas de

Guarulhos, no curso de Educação Física. Este atendimento feito pela FIG tem como objetivo atender a comunidade, bem como incentivar profissionais e alunos para o trabalho com esta clientela, propiciando vivência prática aos alunos do curso de Educação Física.

O público alvo da pesquisa, foram vinte mães de crianças portadoras de deficiência mental com idades entre 01 à 09 anos que participaram do programa de atividade aquática, que na ocasião foram entrevistadas por monitores envolvidos no programa.

O Programa contava com a participação de duas monitoras bulistas, uma monitora dirigindo as aulas e a outra monitora dando apoio, e alunos de 1º a 4º ano do curso de Educação Física dando auxílio às aulas e às mães, todos estes supervisionados pelo coordenador, professor da disciplina de Educação Física Adaptada.

Este programa foi realizado nos anos de 1998 à 2001, sendo que em 2001 foi aplicado um questionário no sentido de ampliar as observações, para verificar se os objetivos estavam sendo alcançados.

Participaram voluntariamente desta pesquisa vinte mães de crianças portadoras de deficiência mental.

O questionário foi respondido por vinte mães, todas com participação nas aulas em conjunto com seus filhos.

A partir da análise dos dados podemos observar que os relatos das mães contribuíram muito para comprovar a relevância desta pesquisa, como também, para complementar a revisão da literatura feita anteriormente.

"Quando minha filha começou a participar das aulas de natação ela tinha muito medo, devagar e com carinho eu e os professores fomos deixando-a confiante. Ela sempre foi muito amorosa, mais o contato comigo na água nos aproximou mais, ela tinha dificuldade em ficar na água, eu gostava pois ela se sentia protegida comigo, parecia que só tinha nós duas na piscina. (RELATO 1)

Segundo RAMALDES (1997), para podermos alcançar um bom resultado, precisamos da ajuda das mães, as quais irão fazer os primeiros contatos com a água, proporcionando ao filho o gosto pela água ou não. É muito importante transferir calma, segurança e amor.

APRESENTANDO E DISCUTINDO DADOS

O Programa de Atividade Aquática, foi realizado na Faculdade de Educação Física e Técnicas Desportivas das Faculdades Integradas de Guarulhos no Programa de Atendimento à Pessoa Portadora de Necessidades Educacionais Especiais – “Educação Física para Todos” desde 1999, com 20 crianças portadoras de deficiência mental acompanhadas das mães, com idades entre 01 à 9 anos.

O Programa contava com a participação de duas monitoras bolsistas, uma monitora dirigindo as aulas e a outra monitora dando apoio, e alunos de 1º à 4º ano do curso de Educação Física dando auxílio às aulas e às mães, todos estes supervisionados pelo coordenador, professor da disciplina de Educação Física Adaptada.

Este programa foi realizado nos anos de 1999 à 2001, sendo que em 2001 foi aplicado um questionário no sentido de ampliar as observações, para verificar se os objetivos estavam sendo alcançados.

Participaram voluntariamente desta pesquisa vinte mães de crianças portadoras de deficiência mental.

O questionário foi respondido por vinte mães, todas com participação nas aulas em conjunto com seus filhos.

A partir da análise dos dados podemos observar que os relatos das mães contribuíram muito para comprovar a relevância desta pesquisa, como também, para complementar a revisão da literatura feita anteriormente.

“Quando minha filha começou a participar das aulas de natação ela tinha muito medo, devagar e com carinho eu e os professores fomos deixando-a confiante. Ela sempre foi muito amorosa, mais o contato comigo na água nos aproximou mais, ela tinha dificuldade em ficar na água, eu gostava pois ela se sentia protegida comigo, parecia que só tinha nós duas na piscina.”(RELATO 1)

Segundo RAMALDES (1997), para podermos alcançar um bom resultado, precisamos da ajuda das mães, os quais irão fazer os primeiros contatos com a  gua. Proporcionando ao filho o gosto pela água ou não.   muito importante transferir calma, segurança e amor.

Conforme o relato da mãe podemos perceber que esta vivenciou aquilo que a literatura descreveu.

Observaremos a seguir alguns relatos que comprovam que a afetividade torna-se peça fundamental na relação mãe e filho, pois é a partir destas relações que conseguiremos promover à criança deficiente mental o desenvolvimento dos aspectos motores, afetivo-social e cognitivo.

"Quando meu filho está na natação ele sente feliz por estar brincando comigo, e eu também tenho prazer em estar com ele nesta atividade, pois me torno uma criança também. Em casa ele gosta de fazer comentários a respeito das aulas, e fica a semana inteira falando que vai para a FIG. Serviu até para ele aprender o itinerário de nossa casa a FIG, quando passamos próximo do local, ele logo comenta com satisfação. Serviu muito para o desenvolvimento dele."(RELATO 2)

"O meu filho melhorou bem, frequentando a natação na FIG. Notei que ele se comporta mais entre seus amiguinhos e também fica atento a tudo o que os professores falam. As aulas ajudaram muito o nosso relacionamento. Parece que ele se apegou mais em mim."(RELATO 3)

"Eu percebi, como as demais pessoas em casa, que meu filho está mais ágil, bem mais carinhoso, menos agressivo e está se enturmado melhor."(RELATO 4)

"Eu acho que durante as aulas posso dar mais carinho a ele, pois tenho quatro filhos e não tenho muito tempo."(RELATO 5)

Para VELASCO (1994), um detalhe importante é o que chamamos de "auxílio". Neste trabalho o auxílio é um fator de estimulação, inicia com a mãe a vel desaparecendo

Para SILVEIRA & NAKAMURA (1998), a natação aprendida e praticada pela criança em companhia de sua mãe constitui um agente educativo de primeira linha para a Educação Física.

Gostaríamos de salientar que o tema natação deve estar sempre entre aspas, pois pouco tem a ver com a natação propriamente dita.

Para a mesma autora, a mãe é o espelho do seu bebê; ao sorrir ela lhe transmite uma sensação de alegria, de vitória, apagando imagens negativas que poderiam ficar gravadas. Para ela não existe lugar mais seguro que o colo da mamãe.

Podemos perceber que o trabalho realizado com essas mães e com essas crianças, tomam outras proporções tão importantes quanto os relatos anteriores, porém mostrando a interferência do pai no processo:

"Eu acho que meu filho mudou muito, porque ele está mais carinhoso comigo e com os amigos, e também ele está mais calmo. As aulas contribuíram para que ele ficasse mais amoroso comigo e com o seu pai. Eu acho que as aulas ajudaram muito a mim, porque eu não tinha paciência com ele e hoje eu tenho."(RELATO 6)

"O comportamento do meu filho não mudou muita coisa, ele sempre foi muito dependente de mim e essa dependência sempre existiu e existe dentro ou fora da piscina. Dar carinho, beijos, atenções sempre fizeram parte da nossa rotina. O que as aulas de natação ajudaram muito, é a coordenação e o equilíbrio dele. Minha luta com ele é justamente ele ter maior equilíbrio e aprender a respirar, nisso a piscina com as aulas de natação está sendo excelente. Nosso relacionamento sempre foi de muita afetividade, o que mudou foi o relacionamento do pai com ele, o pai está mais participativo."(RELATO 7)

Para VELASCO (1994), um detalhe importante é o que chamamos de "auxílio". Neste trabalho o auxílio é um fator de estimulação, inicia com a mãe e vai desaparecendo

na medida em que a criança não mais o necessita (ou aceita). Portanto fica claro não o confundir com o apoio, ou qualquer outro tipo de maneira colaboradora, no sentido da realização dos movimentos.

Para a autora o mediatizador é um elemento fundamental, principalmente no trabalho com crianças. É primordial a presença da mãe junto dele na água, durante todo o processo de estimulação aquática.

De acordo com FONSECA (1995), a falta de preparação ou de cultura não pode ser desculpa para não integrar

Com a revisão da literatura encontrar um material específico trabalhos científicos que abordam deficiência mental no meio líquido. Constatamos então, a relevância de um trabalho como este

“O comportamento do meu filho dentro e fora da piscina está bem melhor. Quando eu entrava na piscina com ele não interessava muito. Agora com as monitoras está bem melhor.”(RELATO 8)

Esta mãe relutava sempre em entrar com seu filho na piscina, achando sempre que as monitoras poderiam substituí-la. Para esta mãe fica claro que ela não entendeu a importância da sua presença, ou que o objetivo do trabalho não foi transmitido à ela de maneira correta.

Da mesma sensação agradável que tinha no útero materno, explorando com naturalidade todas as movimentações possíveis

gestésica, através das cores melódicas cantadas em aula, não deverá ocorrer nos limites sentir segura no espaço aquático movimentos.

“A minha filha teve um desenvolvimento muito grande quando começou a participar da natação, também houve uma melhora na escola. Gostei muito de participar com a minha filha das atividades. Senti quando tive que sair da piscina e deixá-la sozinha mas notei que ela se saiu bem, pegou confiança.”(RELATO 9)

Mais uma vez ressalto que o componente fauci etário não tem relevância, pois podemos perceber através deste relato, que o processo para que essa criança possa estar sem a presença da mãe na piscina, foi entendido e realizado.

O brinquedo, as canções infantis fazem parte das propostas das aulas. Tais procedimentos pedagógicos criança. Para QUEIROZ (2000) descobrir quem está rigido, simplesmente alegrar.

Para a autora, o sorriso, um diálogo lúdico para as aulas.

“Minha filha continua muito rebelde, seu comportamento não mudou nada, eu acho que ela deve ser mais obediente, mas com jeitinho a gente consegue melhorar, fora isso ela consegue acompanhar muito bem as atividades.”(RELATO 10)

Faz-se necessário perceber que para esta mãe, o relacionamento e o comportamento de sua filha em nada mudaram, para tal, pode ter havido falhas no processo e o objetivo não foi alcançado.

Algumas mães não conseguiram fazer suas colocações devido a sua condição sócio-econômica, porém através de observações verificou-se que o trabalho estava de acordo com o objetivo.

De acordo com FONSECA (1995), a falta de preparação ou de cultura não pode ser desculpa para não integrar os pais num programa precoce de integração.

Com a revisão da literatura percebemos num primeiro instante, como é difícil encontrar um material específico para o tema desta pesquisa. Além disso, são poucos os trabalhos científicos que abordam os aspectos afetivos da relação mãe e filho com deficiência mental no meio líquido. Constatamos então, a relevância de um trabalho como este para auxiliar o fortalecimento do vínculo afetivo e despertar o interesse em outros profissionais da área.

A melhor técnica para utilizarmos com essas crianças, segundo VELASCO (1994), é a de que a criança deva sentir prazer. Devemos deixar que a criança desfrute, na água, da mesma sensação agradável que tinha no útero materno, explorando com naturalidade todas as movimentações possíveis. Cabendo a nós a estimulação visual, auditiva, tátil e cinestésica, através das cores e formas motivadoras do ambiente e dos brinquedos, das melodias cantadas em aula, das carícias e, ainda, da proteção da mãe. A presença da mãe deverá ocorrer nos limites estabelecidos pela própria criança, isto é, quando ela se sentir segura no espaço aquático, por si só solicitará a independência na realização dos movimentos.

Mais uma vez ressalto que o componente faixa etária não tem relevância, pois consideramos a estimulação aquática relevante por toda vida do ser humano, encontrando na natação uma das atividades mais completas.

O brinquedo, as canções infantis fazem parte das propostas das aulas. Tais procedimentos pedagógicos são importantíssimos para a integração e motivação da criança. Para QUEIROZ (2000) esses recursos estão unidos ao prazer, com o objetivo de descontrair quem está rígido, de aproximar quem está afastado. É nutrir o imaginário e simplesmente alegrar.

Para a autora, o sorriso, o abraço, o olhar, a melodia e a alegria da voz compõem um diálogo lúdico para as aulas.

Segundo a literatura consultada, a mãe tem um papel importantíssimo para o desenvolvimento de qualquer criança e para a criança deficiente mental pode ser uma ótima mediadora também, pois ela auxiliará nos seus primeiros movimentos para conhecer e explorar o ambiente. É através do contato com sua mãe que a criança deficiente mental desenvolverá sua capacidade motora, sua afetividade e encontrará no aconchego do colo materno a segurança física e afetiva para explorar um ambiente "novo" e misterioso como a água.

Portanto, segundo TELFORD & SAWREY (1974), a crença generalizada em que a família, sobretudo a relação mãe-criança é responsável, em grande parte, pela saúde mental da criança, é de natureza convincente. Entretanto, é difícil substanciar essa crença com dados resultantes de pesquisas.

Para que possamos consolidar este trabalho devemos contar com a presença de um bom profissional, e para que este consiga interagir com essa criança é necessário que ele crie também um vínculo afetivo-emocional, criando confiança nessas crianças. Por isso seu toque, seu carinho, respeito, paciência e sua linguagem tranqüila são elementos essenciais para um bom ensino.

Portanto, não pretendemos com essa discussão e algumas contribuições que trazemos da área da Educação Física, prescrever um programa de estimulação aquática, mas nosso objetivo maior aqui é refletir sobre uma prática no meio líquido como uma das formas de fortalecer o vínculo afetivo mãe e filho, tentando contribuir para que suas capacidades motoras, afetivas-sociais e cognitivas desenvolvam-se da melhor forma possível, sempre preocupada com a individualidade de cada um.

Fica claro portanto, que a mãe tem um papel importantíssimo para o desenvolvimento de qualquer criança e para a criança deficiente mental pode ser uma ótima mediadora também, pois ela auxiliará nos seus primeiros movimentos para conhecer e explorar o ambiente. É através do contato com sua mãe que a criança deficiente mental desenvolverá sua capacidade motora, sua afetividade e encontrará no aconchego do colo materno a segurança física e afetiva para explorar um ambiente novo e misterioso como a água.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A.S.T. Association of Swimming Therapy. *Natação para deficientes*. São Paulo: Mandala, 1988.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

SAGATINI, V. *Psicomotricidade para deficientes*. 1 ed. Porto Alegre: Sagra, 1992.

Após a revisão bibliográfica e a análise documental, foi constatado que a água é um ótimo agente estimulador e carrega consigo elementos lúdicos, pois permite a livre movimentação que, quando associada a um programa, brinquedos, músicas e principalmente a presença materna, proporciona estímulos muito significativos.

O meio líquido por ser um ambiente que facilita a movimentação do corpo e envolve-o por completo, pode estimular muitas habilidades motoras para a criança deficiente mental. Além de sua riqueza em desenvolver os outros aspectos como o cognitivo e o afetivo-social.

CARVALHO, M. Com a revisão da literatura percebemos num primeiro instante, como é difícil encontrar um material específico para o tema desta pesquisa. Além disso, são poucos os trabalhos científicos que abordam os aspectos afetivos da relação mãe e filho com deficiência mental no meio líquido. Constatamos então, a relevância de um trabalho como este para auxiliar o fortalecimento do vínculo afetivo e despertar o interesse em outros profissionais da área. *Revista da Presidência da República*, 1992.

Assim, a revisão bibliográfica, a análise documental e nossas reflexões sobre tais conteúdos, vem nos apontar a necessidade de se investir mais nas questões da família, mais especificamente da mãe, e nas questões da afetividade, visto que, mãe e afeto são fatores indispensáveis para o bom desenvolvimento de qualquer criança, em especial da criança deficiente mental.

GIORDANO, M. Fica claro portanto, que a mãe tem um papel importantíssimo para o desenvolvimento de qualquer criança e para a criança deficiente mental pode ser uma ótima mediadora também, pois ela auxiliará nos seus primeiros movimentos para conhecer e explorar o ambiente. É através do contato com sua mãe que a criança deficiente mental desenvolverá sua capacidade motora, sua afetividade e encontrará no aconchego do colo materno a segurança física e afetiva para explorar um ambiente novo e misterioso como a água.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Fundamentos de metodologia científica*. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1991.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- NEVES, L. M. Família e a dimensão assistiva. *O Estado de São Paulo*. São Paulo: 115
- A.S.T. Association of Swimming Therapy. **Natação para deficientes**. São Paulo: Manole, 1986.
- PEDRINELLI, V. J. Educação física e desporto para pessoas portadoras de
- BAGATINI, V. **Psicomotricidade para deficientes**. 1 ed. Porto Alegre: Sagra, 1992.
- BEE, H. **A criança em desenvolvimento**. 3 ed. São Paulo: Harper & Row, 1984.
- BLASCOVI-ASSIS, S. M. **Lazer e deficiência mental**. Campinas: Papyrus, 1997.
- BURKHARDT, R. ; ESCOBAR **Natação para portadores de deficiência**. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1985.
- QUEIROZ, C. A. **Recreação aquática**. 2 ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2000.
- CARMO, E. R.; CHAVES, E. M. Algumas considerações sobre o papel da afetividade nas práticas pedagógicas de alfabetizadores. **Perspectiva**. Erechim, v.24. nº 86. jun. 2000, p.78.
- RODRIGUES, D. **Atividade motora como recurso educacional para o portador de**
- DAMASCENO, L. G. **Natação, psicomotricidade e desenvolvimento**. Brasília, DF: Secretaria dos Desportos da Presidência da República, 1992.
- ROSADAS, S. C. **Educação física especial para deficientes**. 2 ed. Rio de Janeiro:
- FONSECA, V. **Educação especial**. 2 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro**. São Paulo: Scipione, 1994.
- GIORGI, P. D. **A criança e as suas instituições**. Lisboa: Livros Horizonte, 1980.
- SANTOS, C. A. **Natação - ensino e aprendizagem**. Rio de Janeiro: Sprint, 1996.
- GORLA, J. I. **Educação física especial**. Paraná: Midiograf, 1997.
- SILVEIRA, R. H.; NAKAMURA, O. F. **Natação para bebês**. São Paulo: Icone, 1995.
- JUNCKEN, J. T. et al **O esporte na vida do deficiente mental**. Rio de Janeiro: Rotary Club, 1987.
- M. C. **Abordagem de pesquisa em atividade física adaptada**. Campinas: CODESP, 2000.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos da metodologia científica**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1991.

TELFORD, C. W.; SAWREY, J. M. *O indivíduo excepcional*. 2 ed. Rio de Janeiro: Zetoc, 1994.

NEVES, L. M. Família - a dimensão afetiva. **O Estado de São Paulo**. São Paulo: 115 (36743): A-2, 25/05/1994.

VELASCO, C. G. *Natação segundo a psicomotricidade*. Rio de Janeiro: Sprint, 1994.

PEDRINELLI, V. J. **Educação física e desporto para pessoas portadoras de deficiência**. Brasília: MEC, 1994.

PEDRINELLI, V. J.; ROSADAS, S. C. *Metodologia aplicada ao deficiente mental*.

WILKE, K. *Natação para principiantes*. Lisboa: Casa do Livro, 1982.

PENAFORT, J. D. **A integração do esporte adaptado com o esporte convencional a partir da inserção de provas adaptadas: um estudo de caso**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, UNICAMP. Campinas. 2001.

QUEIROZ, C. A. **Recreação aquática**. 2 ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2000.

RAMALDES, A. M. **Bebê a pré-escola**. Rio de Janeiro: Sprint, 1997.

RODRIGUES, D. Atividade motora como recurso educacional para o portador de deficiência mental. I Congresso de Actividade Motora Adaptada, Lisboa.

ROSADAS, S. C. **Educação física especial para deficientes**. 2 ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 1986.

ROSADAS, S. C. **Atividade física adaptada e jogos esportivos para o deficiente**. Rio de Janeiro: Atheneu, 1989.

SANTOS, C. A. **Natação – ensino e aprendizagem**. Rio de Janeiro: Sprint, 1996.

SILVEIRA, R. H.; NAKAMURA, O. F. **Natação para bebês**. São Paulo: Ícone, 1998.

TAVARES, M. C. *Abordagem de pesquisa em atividade física adaptada*. Campinas: CODESP, 2000.

TELFORD, C. W.; SAWREY, J. M. **O indivíduo excepcional**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

VELASCO, C. G. **Natação segundo a psicomotricidade**. Rio de Janeiro: Sprint, 1994.

VELASCO, C. G. **Habilitações e reabilitações psicomotoras na água**. São Paulo: Barbra, 1994.

WILKE, K. **Natação para principiantes**. Lisboa: Casa do Livro, 1982.

ANEXO

Questionário:

- Escreva sobre as mudanças de comportamento sua e de seu filho(a), durante as aulas de natação.

- As atividades realizadas na piscina, contribuíram para um melhor relacionamento entre você e seu filho(a)?